

## A história em quadrinhos na aula de língua portuguesa como Segunda Língua (L2): relato de uma experiência com alunos surdos

### The comics in Portuguese language class as a second language (L2): report of an experience with deaf students

Fernanda Beatriz Caricari de Morais  
Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz \*

**RESUMO:** Este trabalho faz parte do Projeto de Pesquisa Compreensão e Produção escrita em Língua Portuguesa, desenvolvido no Instituto Nacional de Educação de Surdos, e relata o ensino de Língua Portuguesa como L2 para graduandos surdos do curso de Pedagogia. A partir do aporte teórico sobre aprendizagem de segunda língua (LIGHTBOWN; SPADA, 2004) e estudos sobre ensino de Língua Portuguesa escrita para surdos (QUADROS, 2004; LODI, 2002; PEREIRA, 2002, entre outros), foi realizada uma atividade de leitura e escrita, utilizando o gênero textual história em quadrinhos (HQ) da Turma da Mônica. Os procedimentos envolveram a discussão inicial sobre a história em Libras, levantando os conhecimentos prévios dos alunos, a leitura, a discussão sobre a história e a produção escrita. Os resultados mostram a importância da língua de sinais para ensino aos surdos e do ensino baseado em gêneros textuais para desenvolver habilidades de leitura e escrita dos alunos. Os aprendizes refletiram sobre a estrutura da Língua Portuguesa, principalmente sobre significados denotativos e conotativos, as características dos personagens e o enredo presente na história da Turma da Mônica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua portuguesa como L2. Língua de sinais. História em quadrinhos. Aprendizes surdos. Gênero Textual.

**ABSTRACT:** This research is part of the Research Project Written Understanding and Production in Portuguese, developed at the National Institute of Deaf Education, and reports the teaching of Portuguese as a second language for deaf undergraduates of the Faculty of Education. From the theoretical framework on second language learning (LIGHTBOWN; SPADA, 2004) and studies on teaching Portuguese as a second language for deaf students (QUADROS, 2004; LODI, 2002; PEREIRA, 2002, among others), a reading and writing activity was held, using the genre comics Monica's Gang. The procedures involved the initial discussion on the story in sign language, raising the students' prior knowledge, reading activity, discussion of the story and writing. The results show the importance of sign language for the deaf education and teaching based on genres to develop reading and writing abilities. The students reflected on Portuguese language structure, especially on denotative and connotative meanings, character features and Monica's plot.

**KEYWORDS:** Portuguese as a second language. Sign language. Comics. Deaf learners. Genre.

---

\* Doutoradas em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP). Professoras Adjuntas do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (MEC/RJ). [fernandacaricari@gmail.com](mailto:fernandacaricari@gmail.com)  
[osilenesacruz@gmail.com](mailto:osilenesacruz@gmail.com)

## 1. Introdução

Este estudo é parte do projeto de pesquisa “*Compreensão e produção escrita em Língua Portuguesa como Segunda Língua: experiências, desafios e perspectivas*”, desenvolvido no Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que tem por objetivo promover práticas de leitura e escrita em Língua Portuguesa (LP) como segunda língua (L2) para alunos surdos, graduandos do curso Bilíngue de Pedagogia. Por meio de técnicas de leitura em L2, os alunos ganham mais confiança e se sentem mais seguros para compreender e produzir diferentes gêneros textuais sobre assuntos diversos inerentes ou não ao contexto acadêmico.

O curso Bilíngue de Pedagogia foi criado em 1996 e seu diferencial é a carga horária dedicada aos estudos sobre surdez, ao ensino bilíngue, à cultura surda e à Libras. O ingresso ao curso é realizado por meio de processo seletivo próprio do INES, sendo metade das vagas destinada a alunos surdos e a outra metade a alunos ouvintes. Os alunos estudam juntos, dentro de um contexto bilíngue, com exceção das aulas de línguas - Libras e de Língua Portuguesa - em que os alunos têm aulas separadas, em função das diferentes metodologias existentes para o ensino de L1 e L2<sup>1</sup>.

A experiência relatada neste artigo foi realizada em uma turma do primeiro período da faculdade, composta por seis alunos surdos que sempre estudaram juntos com ouvintes e, por isso, nunca tiveram aulas de Língua Portuguesa como L2 e com foco em suas necessidades linguísticas<sup>2</sup>.

Diante da experiência das professoras no ensino de LP para alunos surdos, entendemos que o bom resultado no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa como L2 depende do uso de metodologias e estratégias adequadas que levem em conta as singularidades linguísticas dos surdos. Fernandes (2006), Pereira (2003), Quadros (1997) e Quadros & Schmiedt (2006) argumentam que muitos aprendizes surdos são filhos de pais ouvintes e têm pouco ou nenhum contato com a Libras e, conseqüentemente, experiências linguísticas pouco significativas.

A primeira seção do artigo trata do ensino de LP como L2, com base em importantes estudos brasileiros, que demonstram a preocupação do ensino efetivo da língua e de seus usos

---

<sup>1</sup> Entendemos L1 – Libras para alunos surdos e Língua Portuguesa para alunos ouvintes e L2 – Língua Portuguesa para alunos surdos e Libras para alunos ouvintes. Neste artigo, o foco é o ensino de Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos.

<sup>2</sup> Essa informação foi transmitida pelos próprios alunos surdos.

nas interações sociais. Em seguida, são apresentados estudos sobre o uso de Histórias em Quadrinhos (HQ) em aulas de LP, mostrando a contribuição do apelo visual e das expressões faciais e gestuais dos personagens para a compreensão do enredo, mesmo que os alunos desconheçam algumas palavras dos diálogos e/ou pensamentos da história. Na terceira seção, são apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa e na quarta seguem os procedimentos para análise e discussão dos dados obtidos.

## 2. Ensino de LP como L2

Nos últimos anos, temos presenciado o crescente acesso de alunos surdos ao ensino superior. Em 2003, de acordo com o Ministério da Educação, 665 alunos surdos estavam matriculados em cursos superiores, número que passou para 2.428 em 2005 (BRASIL, 2006), sendo perceptível o crescimento desse indicador até o ano de 2015. Esse avanço no âmbito educacional é decorrente da implementação de políticas de inclusão que possibilitam o acesso de alunos com necessidades especiais ao ambiente escolar. A título de informação, o número de matrículas de pessoas com algum tipo de deficiência no ensino superior passou de 145 mil em 2003 para 698 mil em 2014. Na rede federal de educação superior, o número de matrículas passou de 3.705 alunos para 19.812 em 2014<sup>3</sup>.

De acordo com Walter Borges dos Santos, coordenador-geral de política de acessibilidade na escola, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação, “o aumento é resultado de políticas inclusivas”, porque, a partir de 2012, os sistemas públicos e privados de educação básica e superior passaram a assegurar a matrícula de alunos com algum tipo de necessidade especial<sup>4</sup>.

Dentro do grupo de alunos contemplados com políticas de inclusão, destaca-se o aluno com surdez, seja a surdez considerada de grau leve ou profundo. Entretanto, a política de inclusão sem regras e iniciativas efetivas pode não ser adequada, pois, para que a acessibilidade seja eficaz e permanente, é necessário que o aluno tenha condições de se comunicar em sua língua materna (Língua Brasileira de Sinais - Libras ou L1) e na segunda língua (Língua Portuguesa na modalidade escrita ou L2). O domínio da Libras e o conhecimento adequado da LP fazem com que esse aluno atinja um nível adequado de letramento e permaneça nos

---

<sup>3</sup> Dados obtidos no site <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/10/ensino-superior-do-brasil-tem-recorde-de-matriculadas-nos-ultimos-anos>>. Acesso em: 19 set. 2015.

<sup>4</sup> Idem à nota anterior.

ambientes acadêmicos, superando suas dificuldades para assimilar novas informações e novos conhecimentos, compreendendo textos que recebe dos docentes para leitura, (re)escrita e análise, assim como praticando interações com seus pares como agente social.

Bisol *et al* (2010), ao estudarem um grupo de alunos surdos no ensino superior, identificaram que, para esses alunos, manter-se em uma instituição de ensino superior é um desafio, tendo em vista o universo desse tipo de instituição de ensino, que é predominantemente ouvinte. Essa realidade é um complicador para o graduando surdo, que tem a Libras como sua L1 e sua necessidade de conviver e transitar pelo universo da língua majoritária, a saber: a Língua Portuguesa na modalidade escrita. Esse aprendiz precisa contar, portanto, com profissionais capacitados para atuarem no ensino das diversas disciplinas do curso de graduação, principalmente no de LP, com o intuito de possibilitar a compreensão e a produção eficaz de textos.

Tendo em vista nossa preocupação em atrair e manter o aluno surdo no contexto acadêmico, este trabalho mostra uma estratégia de ensino de Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos no curso de graduação de Pedagogia do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Não estamos, aqui, propondo um manual ou um roteiro prescritivo a ser seguido, mas sim relatar uma experiência de sala de aula, discutindo as hipóteses e sugerindo caminhos para o ensino de LP para alunos surdos.

O reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela lei 10.426/2002 e sua regulamentação pelo Decreto 5.626/2005 são marcos para a inclusão de alunos surdos na sociedade e no ambiente escolar. A Libras passa a ser reconhecida como a primeira língua dos surdos (L1) e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, é reconhecida como segunda língua (L2). A partir desses documentos oficiais, as instituições de ensino passaram a ter que assumir uma perspectiva bilíngue, em que o aluno surdo aprende a L1 e a L2.

Quadros e Schmiedt (2006) destacam a importância do ensino de LP como L2 para alunos surdos, mesmo com o reconhecimento da Libras como L1. Segundo as autoras,

o ensino de língua portuguesa, como segunda língua para surdos, baseia-se no fato de que esses são cidadãos brasileiros, têm o direito de utilizar e aprender esta língua oficial que é tão importante para o exercício de sua cidadania. O decreto 5626 de 2005 assinala que a educação de surdos no Brasil deve ser bilíngüe, garantindo o acesso a educação por meio da língua de sinais e o ensino da língua portuguesa escrita como segunda língua. (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 17)

Vários autores têm se debruçado sobre o ensino de LP como L2 na educação infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental (PEREIRA, 2008; FERNANDES, 2004, 2006; CHAVES; ROSA, 2014). Esses estudos mostram materiais didáticos e estratégias de ensino de LP e servem para apoiar e fundamentar os docentes que, na maioria das vezes, não oferecem um ensino de qualidade por não se sentirem preparados para atuarem em salas inclusivas ou em sala de aulas com alunos surdos, e, também, por não contarem com uma coletânea de material didático adequado para o ensino de LP como L2, tendo que lidar de forma superficial ou amadora com o ensino da LP para alunos surdos.

No Ensino Médio e no Ensino Superior, relatos de pesquisas envolvendo essa temática não parecem proliferar. As publicações sobre o tema referem-se ao acesso e à permanência de alunos surdos na graduação, por exemplo, o que propõem Bisol et al (2010). Por isso, este trabalho apresenta uma experiência de ensino de LP com base na compreensão e produção textual a partir de uma história em quadrinhos realizada com alunos do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Corroboramos com a proposta de ensino leitura e escrita como papel importante na educação de modo geral, como se pode verificar em documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa.

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seus conhecimentos sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (BRASIL, 1998, p. 69-70)

Tendo em vista a definição acima, neste trabalho, propomos uma atividade de compreensão escrita, a partir de uma concepção interacional da língua, de modo que o aluno seja levado a desenvolver a competência leitora, sendo um autor ou construtor social, um sujeito ativo. Dessa forma “o sentido do texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação.” (KOCH; ELIAS, 2007, p. 11). A atividade desenvolvida em sala com os alunos surdos, baseada na leitura de uma história em quadrinhos, permitiu confirmar o que as pesquisadoras em referência propõem de que a leitura é uma atividade que leva em conta

os conhecimentos e as experiências do leitor e que o ato de ler não implica simplesmente decodificar um enunciado codificado por um autor como um leitor passivo.

Como já apresentado, a Língua Portuguesa não é primeira língua dos surdos e o ensino da disciplina para esses aprendizes se assemelha, então, ao ensino de uma língua estrangeira, tendo em vista sua L1 (LIBRAS), uma língua espaço-visual, que apresenta especificidades linguísticas em relação à L2 (LP), uma língua oral-auditiva. Dessa forma, é necessário que o professor utilize metodologias apropriadas para proporcionar ao aluno condições de compreender e produzir um texto de forma autônoma e consciente, como agente social. Partimos do pressuposto de que a aprendizagem de L2 se assemelha à aprendizagem de uma língua que ele não conhece, podendo ser considerada, neste caso, uma língua estrangeira.

Morita (2002) entende que o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira não é simples, uma vez que não implica a aprendizagem de vocábulos somente, mas também o entendimento de outra cultura, desenvolvendo uma competência sociocomunicativa. Sá (1997) já havia proposto o pensamento de Morita (2002) de que o ensino de LP deve utilizar metodologia diferenciada, pois LP e Libras são modalidades linguísticas distintas (LP é oral-auditiva e a Libras é espaço-visual). O mesmo pensamento é compartilhado por Quadros (1997, p. 84) ao dizer que “A necessidade formal do ensino da língua portuguesa evidencia que essa língua é, por excelência, uma segunda língua para a pessoa surda.”

No caso de ensino de LP para surdos, entendemos que o processo implica desenvolver no aprendiz a dupla competência: ler e escrever, tornando o aluno capaz de compreender e produzir gêneros textuais de diversas naturezas: cartas formal e informal, relatórios, histórias em quadrinhos, resumos, resenhas... Assim, compartilhamos com Martinez (2012, p. 87) de que “a leitura é um processo que não se resume à decodificação de sinais gráficos, mas que manifesta uma construção de sentido, a partir de operações físicas e cognitivas complexas.”

Nossa experiência no ensino de LP como L2 mostra que os aprendizes apresentam em seus textos características da língua-fonte, até que assumam maturidade de conhecimento que os levem à independência dessa língua. Vemos, por exemplo, características da interlíngua, nas produções escritas dos alunos surdos, quando eles não utilizam preposições, não flexionam gênero e número dos substantivos e adjetivos, evidenciando marcas típicas da L1.

Nesse sentido, a compreensão sobre o conceito de interlíngua torna-se primordial para o professor de Língua Portuguesa. Brochado (2003) destaca referir-se ao estágio em que os aprendizes utilizam-se das regras da L1 para melhorar seu desempenho na L2. Dessa forma, de

acordo com a autora, a interlíngua justifica a ocorrência, por exemplo, de trocas morfológicas, da ausência de preposição, da concordância nominal e verbal inadequadas e do uso de estratégias de comunicação diferenciadas, utilizadas pelos aprendizes surdos, para solucionar problemas que surgem durante a interação.

Brochado (2003) defende que as crianças surdas são capazes de se apropriar de uma segunda língua sem o apoio da oralidade, uma vez que a aquisição da escrita da Língua Portuguesa por alunos surdos é mediada pela Libras.

Além de considerarmos as características da interlíngua nos textos dos alunos surdos, ressaltamos também a importância de se considerar várias questões: conhecimento prévio, primeira língua e cultura surda, afinal, ler, conforme Martinez (2012, p. 87), “(...) não é um ato mecânico, mas implica, além do conhecimento do código, uma experiência anterior, intuições e expectativas.” Na seção da *análise e discussão dos dados*, apresentaremos uma atividade de compreensão e produção textual a partir de uma história em quadrinhos, destacando-se nosso objetivo em promover a interação entre e com os aprendizes, utilizando estratégias de leitura, como a predição do assunto do texto, inferência sobre o contexto, reconhecimento do tipo de estrutura textual, valendo, também, do conhecimento prévio desses alunos.

Ao discutirem abordagens e estratégias sobre ensino de língua estrangeira, Lightown e Spada (2004) apresentam algumas crenças de aprendizes, as quais os levam ao maior ou menor desenvolvimento ao aprenderem uma língua estrangeira. Dentre essas crenças, a destacada, neste artigo, é a *motivação*, que serviu como direção para nossa reflexão enquanto professoras de LP como L2 para alunos surdos.

Estudos indicam que motivação está diretamente relacionada ao sucesso na aprendizagem de segunda língua (GARDNER, 1985; GARDNER; LAMBERT, 1972; SKEHAN, 1989). As autoras preconizam o entendimento do professor de que aluno motivado é o que participa ativamente e demonstra interesse no assunto, passando a estudar mais. Por isso, as autoras defendem que o professor deve fazer com que os alunos tenham interesse pela aula, achem o conteúdo relevante e adequado para sua idade e nível cognitivo. As aulas devem ser desafiadoras e claras.

A motivação nas aulas de LP como L2, portanto, tem sido o foco principal e, no caso, da presente pesquisa, sabendo que os alunos gostam de HQ, optamos por usá-la na aula de LP devido ao apelo visual, pois as características dos personagens já conhecidos por eles facilitariam a compreensão da história, mesmo que eles desconhecessem algumas palavras.

A seguir, serão apresentadas informações sobre o ensino de LP a partir de HQs, tendo em consideração a motivação dos aprendizes e o gosto por esse gênero textual.

### **3. As histórias em quadrinhos nas aulas de Língua Portuguesa**

Como discutimos, a preocupação atual na área de ensino de Língua Portuguesa é ensinar a língua em uso, como processo de comunicação em seus mais diversos contextos, tornando o texto o principal suporte pedagógico, oferecendo aos alunos o contato com outras formas de produção escrita.

Ramos (2014), estudioso dos quadrinhos em sala de aula de LP, considera os quadrinhos como um riquíssimo material de apoio didático, por propor aos alunos um bom debate e um maior aprofundamento do que seja o uso da língua.

A história em quadrinhos (HQ) é um gênero textual que dá ênfase ao aspecto visual, sendo de grande interesse pelos aprendizes surdos, podendo propiciar o fortalecimento do hábito de ler, além de proporcionar ao aprendiz prazer em desenvolver essa atividade quando da aprendizagem de leitura e escrita da LP.

Entendemos que as HQs desempenham função fundamental quanto ao ensino de LP, possibilitando resultados muito melhores do que aqueles obtidos por meio de outros gêneros textuais, com predomínio de textos escritos. Soma-se a isso o fato de que os estudantes gostam de ler HQ, pois esse gênero faz parte seu do cotidiano, quando crianças e/ou jovens. Os alunos sentem-se motivados a participarem das aulas de forma mais ativa, pois são estimulados a trabalhar sua curiosidade e desafiados a desenvolver o senso crítico e a interpretação de informações implícitas e explícitas. Vergueiro (2014) aponta a forte identificação dos estudantes com os ícones da cultura de massa, entre os quais se destacam vários personagens dos quadrinhos, sendo, também, um elemento que reforça a utilização das HQs no processo didático.

Quanto ao seu uso nas aulas, Viera e Araujo (2012) apontam que as atividades de leitura em sala de aula de LP como L2 para alunos surdos revelam que as imagens não funcionam apenas como um apoio para a leitura verbal, pois elas se comunicam independentemente do conteúdo verbal (KRESS; VAN LEEWEN, 1996).

As pesquisadoras trabalham com HQs no segundo ciclo do Ensino Fundamental em uma escola pública frequentada somente por alunos surdos, mostrando que o desempenho leitor dos alunos depende, principalmente, da aquisição logo cedo da Libras (L1), da interação com textos

autênticos na língua alvo, no caso a LP, e de um contexto de aprendizagem dentro dos parâmetros bilíngues.

As autoras ressaltam que os surdos ainda não têm acesso a uma escrita de sua L1, para funcionar como apoio no momento de letramento em L2. É importante ressaltar que a leitura tem um papel extremamente importante para a comunidade surda, tanto pelas funções sociais que ela desempenha, como para ser uma forma de interação entre esta comunidade com o mundo ouvinte.

Lacerda e Lodi (2009), baseadas no ensino de LP escrita para surdos, valorizam a interação entre a escrita e os valores socioculturais que a determinam, a partir de seu uso em diferentes práticas sociais de linguagem. Observaram como ocorre o ensino-aprendizagem de LP em oficinas no contra turno de uma escola pública do interior do estado de São Paulo, onde participavam apenas as crianças surdas e que o ensino era desenvolvido em Libras e um dos gêneros textuais trabalhados foi a HQ, escolhida pela riqueza de informações que podem ser apropriadas pelas crianças visualmente. Foi utilizado um quadrinho da Turma da Mônica e antes a sua versão em vídeo, também recontado em Libras pela professora bilíngue. Por meio dessa prática, as pesquisadoras identificaram alguns conceitos menos reconhecidos pelas crianças que foram, então, destacados e trabalhados na oficina.

A partir do reconto e da construção de significados e sentidos possíveis para o quadrinho, as crianças foram estimuladas a dramatizar o tema proposto, desenhar trechos do mesmo e, com base nesse material e na apresentação (dramatização), construir um texto escrito em Libras. As crianças se mostraram muito motivadas e surpresas ao conseguirem reconhecer palavras, levantar hipóteses sobre seus significados ou discordar dos colegas com base em seus conhecimentos linguísticos.

Dessa forma, entendemos que o gênero HQ serve como um instrumento poderoso para o desenvolvimento de habilidades de leitura de LP como L2, pois exige inferências do leitor durante a leitura, os quadrinhos permitem uma melhor sequência narrativa e maior número de pistas contextuais. No que se refere às ações nos quadrinhos, elas ocorrem por meio dos personagens, podendo ser transmitidas pela expressão facial, pelos balões de fala ou de pensamento e pelo movimento expresso em linhas nas imagens das personagens.

A seguir, será apresentada a HQ utilizada como Objeto de Aprendizagem em sala de aula.

### 3.1 A HQ trabalhada em sala

A história escolhida para a atividade relatada neste trabalho e intitulada “De consciência pesada<sup>5</sup>” e foi publicada em maio/2015. Faz parte de um gibi da personagem Magali e a narrativa começa quando Magali encontra o Franginha, que estava comendo um sanduíche. Ela pede um pedaço e ele oferece. Em seguida, há um quadrinho com letras vermelhas grandes que registram o som “CHOMP” da mordida da Magali. Em seguida, ela encontra com outros dois personagens, Xaveco e Cebolinha, que estavam tomando sorvete e, novamente, ela pede um pouco e “SLURP”, os sorvetes são devorados.

Assim como Franginha, Xaveco e Cebolinha demonstram expressão constrangida, porque Magali comeu todo o sorvete deles. De repente, Magali ouve uma voz que diz: “Que coisa feia, Magali!” e aparece uma versão menor da personagem explicando que o que ela faz com os amigos é algo ruim e que ela deveria ajudar sua mãe a carregar as compras para ganhar um dinheiro para poder comprar seus lanches, sem comer o lanche dos amigos. A personagem decide seguir os conselhos de sua consciência, ajuda a mãe, ganha um dinheiro e compra um sorvete, sendo surpreendida pela sua própria consciência pedindo um pouco do sorvete.

Esta história foi escolhida pela curiosidade que os alunos frequentemente demonstram nas aulas sobre a escrita dos sons (onomatopeias, na gramática tradicional), além de ser de uma personagem conhecida deles, visto que muitos relataram nas aulas que gostam de ler gibis e a história evidencia a característica principal da Magali, personagem que come muito.

Na próxima seção, apresentamos os procedimentos metodológicos percorridos durante a pesquisa.

## 4. Procedimentos metodológicos

A pesquisa realizada se caracteriza como uma pesquisa-ação que é entendida como toda tentativa continuada, sistemática e empiricamente fundamentada de aprimorar a prática (TRIPP, 2005). É uma metodologia muito utilizada em projetos de pesquisas das áreas educacionais, pois fornece condições de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive no nível pedagógico, promovendo condições para ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente de ensino (THIOLLENT, 2002, p. 75).

---

<sup>5</sup> A história não pode ser reproduzida na íntegra neste artigo porque não conseguimos direito de imagem.

Para Elliott (1997, p. 15), a pesquisa-ação permite superar as lacunas existentes entre a pesquisa educativa e a prática docente (teoria e prática) e os resultados buscam ampliar as capacidades de compreensão dos professores e suas práticas, favorecendo, assim, mudanças.

Dessa forma, esta pesquisa busca refletir sobre a prática de ensino de LP como L2 para surdos, mostrando alguns caminhos, como o uso de gêneros textuais, especialmente, a história em quadrinhos, discutindo hipóteses desses aprendizes no processo de leitura e suas interpretações.

Para isto, apresentamos o perfil dos alunos e seu histórico como aprendizes de Língua Portuguesa para que depois possamos analisar suas hipóteses e o processo de leitura.

#### 4.1 Perfil dos alunos

Como cada aprendiz possui uma história, uma experiência, no que diz respeito à aprendizagem de Língua Portuguesa como L2, acreditamos que isso interfira de alguma maneira nos resultados dessa pesquisa.

Para compreender nossos alunos, em nosso primeiro contato, conversamos informalmente sobre as experiências que eles tiveram nas aulas de LP e fomos surpreendidas ao saber que, dos seis alunos, apenas um havia estudado parte de sua vida escolar em uma escola bilíngue. A maioria, 5 alunos, estudou em escolas inclusivas do Município do Rio de Janeiro ou da Baixada Fluminense, tendo a mesma experiência de oralismo<sup>6</sup> e ensino baseado em vocabulário de forma descontextualizada.

Os alunos relataram que tiveram poucas experiências significativas de leitura, pois trabalhavam com textos adaptados, com vocabulário facilitado e sentiam que a produção textual era evitada pelos professores. Os profissionais da escola não tinham conhecimento de Libras e nem seus familiares, dessa forma, os alunos faziam uso da oralismo e se comunicavam em Libras apenas em outros contextos no contato com outros pares surdos.

#### 4.2 Procedimentos realizados e análise de dados

Antes da leitura da história em quadrinhos “De consciência pesada”, fizemos um levantamento do conhecimento prévio desses alunos, perguntando se eles têm hábito de ler

---

<sup>6</sup> O termo oralização refere-se à tendência de se utilizar método oralista, defendido veementemente por Alexander Graham Bell no Congresso de Milão, em 1880. Esse método defende o ensino visa à integração da criança com surdez na comunidade de ouvintes, dando-lhe condições de desenvolver a língua oral (GOLDFIELD, 1997).

gibis, se conhecem a “Turma da Mônica” e se conhecem as características de cada personagem. Todos conheciam o gênero HQ e deram alguns exemplos de gibis que encontramos em bancas de jornais e nos ensinaram os sinais dos personagens principais: Mônica, Magali, Cebolinha e Cascão. Apenas um aluno lembrou-se do personagem Franginha, que aparece no início da história.

Ainda antes da leitura, perguntamos sobre o título, estimulando hipóteses sobre o enredo da história e qual personagem estaria de “consciência pesada”. Após esse momento, os alunos realizaram a leitura da história individualmente e foram encaminhados para gravar um vídeo recontando o que leram. É importante lembrar que as gravações ocorreram individualmente e, por isso, os alunos viram a interpretação/gravação dos colegas de turma.

Os dados foram analisados a partir dos vídeos gravados em Libras pelos alunos e traduzidos pelos intérpretes educacionais<sup>7</sup>, que atuam em parceria com os professores no Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos. A importância do vídeo em Libras se deve ao fato de que primeiramente é valorizada a compreensão textual na L1 do aprendiz e, somente após a solidificação do seu conhecimento, parte-se para a produção textual na L2.

Para melhor organizar esta análise, após a observação dos vídeos, organizamos em categorias de acordo com a interpretação que os aprendizes deram à história lida.

A primeira categoria encontrada está relacionada ao uso do **conhecimento prévio**, levantado anteriormente na discussão com a turma, mas também adquirido ao longo das leituras anteriores, como se pode ver a seguir.

*A4: “A história é sobre a Magali, que é uma pessoa muito gulosa [faz sinal de olho grande] que sempre pede comida dos amigos”*

*A5: “A Magali é uma personagem muito gulosa e exagerada. Tudo o que ela vê, quer comer”*

Os alunos, de maneira geral, ressaltam as características da Magali, destacando que ela era gulosa e, por esta razão, estava fazendo algo de errado: comendo os lanches dos colegas.

Uma das características dos vídeos é o **detalhamento de informações**, muitas vezes ligadas à interpretação do visual dos quadrinhos, como se segue.

---

<sup>7</sup> Agradecemos pela atuação dos intérpretes X e Y que nos apoiaram durante a atividade com a turma de surdos.

A1: “No final, a Magali estava comendo um sorvete de 3 bolas”

A6: “As bolsas que a mãe da Magali carregava eram muito pesadas”

O detalhamento das informações no vídeo é uma característica frequente dos alunos surdos que costumam explicar as histórias quando são recontadas e, havendo o suporte visual, há o detalhamento de aspectos que, muitas vezes, passam despercebidos aos olhos dos ouvintes.

Muitas vezes o detalhamento está relacionado às **inferências** que os aprendizes fazem de elementos que não estão no texto escrito, mas podem ser interpretados pelo visual, como mostram os trechos:

A6: “As pessoas param, olham para ela e pensam: que falta de educação!”

A3: “As pessoas pensam: como ela é mal-educada!”

A1: “As famílias se ajudam”

A4: “Magali diz a consciência “tudo bem, não vou ser egoísta” [permitindo que a consciência coma o sorvete]

Uma inferência esperada era que os alunos percebessem que a imagem da Magali menor, com uma auréola em cima da cabeça, que apareceu na história para dar conselhos à personagem era a sua consciência. No entanto, apenas 4 alunos relacionaram essa imagem ao título da história e ao balão “Ei, eu sou a sua consciência”, fala da consciência para a personagem.

A2: “Apareceu um ser que deu conselhos à Magali”

Professora: “Quem era este “ser”?”

A2: “A consciência”

Um dos alunos disse que era uma fada e, segundo o outro, era uma alma:

A5: “Uma fada aparece, é gêmea da Magali!”

A3: “A alma da Magali disse: “me dá um pedaço do seu lanche”

Apesar da interpretação diferente, no geral, os alunos recontaram a história lida, alguns dando mais detalhes, relacionando o conhecimento prévio sobre os personagens ou atentando-se às imagens presentes nos quadrinhos.

Depois da filmagem, trabalhamos alguns aspectos linguísticos da Língua Portuguesa levantados pelos alunos, trabalhando a língua no contexto da história lida. Uma das dúvidas

deles refere-se ao uso do verbo “bançar” que eles desconheciam e faziam relação com a palavra banco.

*A2: “O que significa bançar?”*

*Professora: “Qual o contexto em que esta palavra aparece no texto?”*

*A1: “Ajude sua mãe e ganhe uma graninha para se bançar sozinha”.*

Nesse momento, os alunos faziam o sinal de “banco” (instituição financeira) e entrevistamos.

*Professora: “A palavra bançar está relacionada a banco, a um lugar físico?”*

Os alunos diziam que não, argumentando que a palavra é parecida com a palavra “banco”, que eles conhecem, mas no contexto da história parecia ter outro significado.

Novamente, entrevistamos com perguntas visando levá-los ao significado da palavra desconhecida.

*Professora: “Quais são as palavras vizinhas de “bançar”*

*A6: “bançar sozinha”*

*Professora: “Bançar parece representar um nome ou uma ação?”*

*A4: “Ação”*

*Professora: “O que acontece depois do quadrinho que contém a palavra “bançar”?”*

*A1: “Ela ajuda a mãe, ganha dinheiro e compra sorvete”*

*A2: “O significado tem a ver com dinheiro”*

*A3: “É pagar”*

*A4: “Comprar”*

*Professora: “Bançar o que?”*

*A4: “Comprar sozinha”*

*A1: “Conseguir dinheiro sozinha”*

Esse diálogo ilustra o percurso que os alunos são encorajados a fazer para compreender o significado de uma palavra desconhecida. Muitas vezes, eles conhecem uma palavra próxima que pode ter relação ou não com a palavra desconhecida e esse momento de discussão é importante para a reflexão sobre o uso da língua, inferindo o significado de palavras, levantando hipóteses e motivando-os para a postura crítica e reflexiva sobre a Língua Portuguesa.

Durante as aulas, as palavras desconhecidas não são traduzidas para a Libras e sim soletradas<sup>8</sup>, utilizando a datilologia, dentro do contexto de uso. Somente após a compreensão, os sinais com significado próximo ou semelhante são utilizados. Assim, a tradução não interfere no processo de inferência de significados de palavras que geram dúvidas aos alunos.

É importante notar que, na atividade realizada, os alunos foram encorajados a desenvolver a competência leitora, sendo sujeitos ativos, refletindo com base no seu conhecimento prévio e suas experiências com leituras anteriores, mostrando que ler não é um simples processo de decodificação de palavras, feitas por um leitor passivo. A aprendizagem de L2 não depende da aprendizagem de vocábulos de forma isolada, mas da compreensão e construção de sentidos, a partir de operações físicas e cognitivas.

Notamos que as palavras e as imagens juntas ensinam de forma mais eficiente, mostrando a interligação do texto com a imagem, existente nas HQs, ampliando, assim, a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir. É na forma como a interligação entre texto/imagem ocorre nas HQs, com uma dinâmica própria e complementar que se dá a criação de um novo nível de comunicação, ampliando a possibilidade de compreensão do conteúdo programático por parte dos alunos (VERGUEIRO, 2014).

É importante lembrar que há um alto nível de informação nos quadrinhos, trazendo diferentes temas, sendo aplicáveis em qualquer área do conhecimento. Cada história oferece muitas possibilidades de trabalho, dependendo apenas do interesse do professor e dos alunos. Acreditamos que esse gênero textual é uma poderosa ferramenta para o ensino de LP como L2 para surdos, expandindo os meios de comunicação, incorporando a linguagem gráfica às linguagens que normalmente se utiliza (forma oral<sup>9</sup> e escrita). Há variados recursos da linguagem quadrinhística – como balão, a onomatopeia, que despertou muito interesse nos alunos, os diversos planos utilizados pelos desenhistas, os estudantes acessam, dessa forma, outras possibilidades de comunicação que colaboram para o uso efetivo da língua alvo (LP).

Vale ressaltar um dos recursos que chamaram muito a atenção dos alunos: a onomatopeia. Os aprendizes se mostraram muito curiosos por identificarem certos sons típicos de pessoas e animais. Na história trabalhada, houve grande interesse em identificar o som

---

<sup>8</sup> Utiliza-se o termo datilologia para esse processo.

<sup>9</sup> Nos referimos às expressões da oralidade. Variedade informal da LP.

emitido por uma pessoa em mastigar algo, materializado na HQ pelo CHOMP, CHOMP, CHOMP.

A seguir, apresentamos as considerações finais deste trabalho.

## 5. Considerações Finais

Observamos que o uso das HQs auxilia o desenvolvimento do hábito de leitura, por ampliar a familiaridade com a leitura, propiciada por sua aplicação em sala de aula, possibilitando aos aprendizes se abrirem para os benefícios da leitura, encontrando menor dificuldade para se concentrar nas leituras acadêmicas do curso. Sendo uma narrativa com linguagem fixa, a característica elíptica da linguagem dos quadrinhos favorece o leitor a pensar e a imaginar. As palavras desconhecidas são compreendidas pelo contexto por meio da linguagem visual (icônica) e, principalmente, pelas expressões faciais das personagens. O conhecimento prévio sobre as características e personalidades das mesmas também favorece o entendimento do enredo como um todo.

O enriquecimento de vocabulário é outro fator importante que observamos pelo uso dos quadrinhos. Sendo escritas com uma linguagem mais acessível, muitas das palavras fazem parte do cotidiano dos alunos e, ao mesmo tempo, conforme tratam de assuntos variados, introduzem sempre palavras novas aos alunos, tendo assim a ampliação de vocabulário de forma contextualizada e despercebida para eles.

Dessa forma, o ensino de LP como L2 para surdos não pode ser centrado na cópia de textos e de listas de vocabulários, com palavras soltas e exercícios mecânicos que não levam em conta os processos cognitivos de compreensão, inferências, usos de conhecimentos prévios, leituras das imagens e *layouts* presentes no texto.

A análise mostra que eles compreenderam o enredo da história em quadrinhos, mesmo não conhecendo o significado de algumas palavras, o que não comprometeu a compreensão global do texto. Há a necessidade de destacar que o gênero trabalhado motivou os alunos, pois os desenhos facilitam a interpretação sobre a sequência dos fatos. Além disso, esse gênero possibilita a abordagem de vários aspectos que podem ser estudados em uma aula de Língua Portuguesa como segunda língua: vocabulário, informações verbais e não verbais, informações explícitas e implícitas, sentido denotativo e conotativo das construções, recursos visuais, entre outros.

## Referências Bibliográficas

BROCHADO, S. M. D. **A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira**. 2003. 431f. Tese (Doutorado em Letras) - UNESP, Assis. 2003.

ELLIOT, J. **La investigación-acción en educación**. Tradução de Pablo Manzano. 3. ed. Madrid: Morata, 1997.

FERNANDES, S. **Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios**. Curitiba, 2003. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Paraná.

\_\_\_\_\_. **Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 2006.

GIORDANI, L. F. Encontros e desencontros da língua escrita. In: LODI, A.C.B et al. **Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2014.

GOLDFELD, M. **A criança surda**. São Paulo: Pexus, 1997.

KARNOPP, L. B. Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. In: LODI, A. C. **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: The grammar of visual design**. Nova York: Routledge, 1996

LACERDA, C. B. F. de.; LODI, A. C. B. Ensino-aprendizagem do português como segunda língua: um desafio a ser enfrentado. In: LACERDA, C. B. F. de; LODI, A. C. B. **Uma escola, duas línguas – letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Mediação: 2009.

PEREIRA, M. C. C. Papel da língua de sinais na aquisição da escrita por estudantes surdos. In: LODI, A. C. B. et al. **Letramento e minorias**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2002. cap. 4.

PEREIRA, M. C. C.; VIEIRA, M. I. S. Bilinguismo e Educação de Surdos. Revista **Intercâmbio**. V.XIX: 62-67, 2009.

RAMOS, P. Os quadrinhos em aulas de Língua Portuguesa. In.: BARBOSA, A. et al. **Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2014.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SKEHAN, P. **Individual differences in second language learning**. London: Edward Arnold, 1989.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 11. ed. São Paulo,SP: Cortez, 2002.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação & Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In.: BARBOSA, A. et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2014.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In.: BARBOSA, A. et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2014.

VIEIRA, P. A.; ARAUJO, V. L. S. Observações sobre a leitura da imagem em atividades com surdos na perspectiva de Kress e Van Leewen. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012.

Artigo recebido em: 07.07.2016

Artigo aprovado em: 14.12.2016